ANNO II

ASSIGNATURAS

Trimestre........ 2$000
Semestre......... 4$000
Anno............. 8$000

O PENSADOR.

ORGÃO DOS INTERESSES DA SOCIEDADE MODERNA

NUMERO 19

PUBLICA-SE

Tres vezes por mez, nos dias 10, 20 e 30.

..Ut jam non simus parvuli fluctuantes, et circumferamur omni vento doctrinæ,
in nequitia hominum, in astutia ad circumventionem erroris.
(S. Paulo, a Epistola Cap. V, v. 11, Ephesos.)

Maranhão, 20 de Março de 1881

Propriedade de uma associação

O PENSADOR.

MARANHÃO, 20 DE MARÇO DE 1881.

Estamos na regia cidade que a espada de Alexandre fez brotar nas praias do Egypto. Estamos no seio d'essa soberba Alexandria que se ergue na extrema do Mediterraneo como um mediador de granito e de marmore entre o mundo occidental e as regiões esplendidas em que nasce o Sol.

O tempo da gloria grega passou. Já a Grecia não envia seus guerreiros a conquistar o mundo. Já as vozes augustas do Areopago se perdem nos escuros antros do passado. Já Demosthenes não falla ás vagas. Já os vates da Hellade não repetem ao canto da lareira os versos de Homero. Já os frontões do Parthenon não sorriem aos raios do Sol. Já a philosophia espavorida desertou do Portico e da Academia. A Grecia morreu.

Apoz seculos d'esplendor, apoz o brilho de uma civilisação enorme, rota, despedaçada, ella foi cahir no seio da Roma antiga. Fraca, inerme, descambou nos braços da meretriz. E a meretriz, n'um abraço torpe, suffocou-lhe a vida ainda latente. Matou-a com a corrupção, dilacerou-a com o despotismo. Envolveu-a nas dobras de uma mortalha—a do Imperio Romano.

E as artes e a sciencia, e a grandeza e a philosophia, vieram, fugidas da Grecia, refugiar-se n'esta Alexandria que vêdes. Abrigo que o guerreiro filho de Philipe lhes preparou, ella encerra em si o sublime legado de sua mãi—a Grecia. Tem a sciencia no seio, tem o culto da verdade na fronte.

Sim, a sciencia habita em Alexandria. Olhai para aquellas bibliothecas pejadas de obras preciosas. Examinai aquelles museus em que as obras da natureza e da arte se confundem. Observai aquelles zodiacos, aquelles instrumentos com que o homem se arremeça á conquista do espaço infinito. Vêde tudo o que ha alli de grande, de sublime, e ouvi a voz severa dos sabios que incitam a amar a verdade e a procural-a no coração do Universo.

Mas, ah! uma athmosphera pezada e ardente parece circundar todos estes esplendores. Ha n'este céo de chumbo que peza sobre a fronte humana como que a apparencia de uma lousa. Alexandria semelha um tumulo. Quem irá ser sepulto n'este enorme mausuleo?

Vinda das plagas da Judeia uma doutrina espalhara-se no mundo. Pura, santa, desprovida de ambições, era um esforço tentado por um revolucionario sublime para arrancar o homem ao despotismo que o curvava para a terra. Era uma tempestade de luz que baixara sobre os escravos, era uma vaga de verdades que se volvia sobre o Oceano dos povos. Liberdade, egualdade e fraternidade—eis a sua grande divisa escripta com lettras de sangue n'essa cruz que se ergueu no Calvario.

E esta doutrina vinha regenerar o mundo. Vinha dizer aos homens que se amassem. Vinha acabar com o odio surdo das nação. Vinha quebrar as cadeias dos despotas que manietavam o mundo. Vinha fazer dos povos uma familia—a humanidade.

Roma recebeu esta doutrina no seu seio. Acceitou o germen que Jerusalem lhe enviava. Desenvolveu-o porem mal. Combateu o embryão com o ferro e o fogo. E, quando o ferro e o fogo foram impotentes, pensou em corromper esse grande avatar da liberdade. Fel-o, e o socialismo christão, esse germen augusto, passou a ser a Egreja!

Um homem, um imperador, um miseravel, lançou mão da grande força da liberdade, para d'ella fazer degrau para seu throno. Queria subir, e fez do Christianismo um vasto partido politico. Corrompeu-o, esphacelou-o, para conservar a purpura imperial. E o que estava destinado a implantar o bem na terra ia transformar-se n'um systhema de oppressão que fatalmente tinha de pezar sobre os povos. Abortara a grande empreza de liberdade—dera á luz o germen de um monstro—o Catholicismo Romano.

Esse céo pezado que esmaga Alexandria, esse ar nebuloso que opprime os pulmões, é o fructo da lei christã transformada em lei d'escravos. Em Alexandria pensava-se. Estão para nascer os tempos em que, pensamento será um crime.

E senão, vêde aquella joven que alli passa. Olhai-a deslumbrante caminhando para a Academia em que vai fallar. Contemplai-lhe as feições seductoras que o ar grave da sciencia reveste de um encanto soberbo. Fitai-lhe os olhos em que o genio faz crepitar suas chammas brilhantes. Vêde-lhe os labios feitos para o amor, e que contudo, como Niagara enorme, deixam sahir a sciencia em borbotões.

Sabeis quem é ella?—É Hypathia, a filha de Theon. É ella—a depositaria da philosophia que reinou em Alexandria. Ella—uma mulher sublime que tomou aos hombros o pezado monolitho que ergueram Platão e Aristoteles. Donzella, pura, casta, como as neves da Jungfrau, abriga no seio o amor da sciencia. Caminha apoz a verdade nas azas da philosophia, impellida pela torrente caudal da rasão humana.

E contudo odeiam esta santa virgem. Homens perversos votam-lhe um odio de morte. Vêde como elles agitam a populaça para perseguil-a. Olhai como a plebe infame a arrebata do carro em que seguia veloz. Vêde o templo para o qual a levam... Ah! é um templo christão!

Sim, vai para um templo christão. Não é, porem, para o uvir o verbo do Christo que lá a arrastam. Ella vai alli para morrer. Aquelle templo vai ser um cadafalso. Os miseraveis que arrebataram Hypatia despem-na e insultam-a, á voz de um bispo que lh'o ordenna. Depois de a desnudarem, violão-na, matam-na e retalham seu corpo em sinistros pedaços. Fazem-no no recintho sagrado do templo, perante as aras em que se commemora a immolação do martyr do Golgotha!

E foi um bispo quem preparou este negro drama. Foi elle quem matou Hypathia. Infame, temia-a, como o mal teme o bem. Hypathia pensava, e o sacerdote do Christianismo imperial declarara guerra ao pensamento. O absurdo ia ter para base o throno dos despotas, e a razão ia rolar n'um carcere.

E com Hypathia a philosophia morreu. Sob a pressão de uma religião esterilisadora desappareceu no nada. E se o céo da filha do heroe macedonio parece uma lousa é que ella transformou-se no tumulo da sciencia.

O caminho do despotismo sobre a consciencia humana está traçado as gerações. A idade media rebenta sinistra incubando no seu seio medonho a maior das monstruosidades—o Papado.

E a philosophia que morreu deixa o campo livre á Egreja.

O abutre que assassinou a virgem vai athropiar os povos.

A Egreja vai mergulhar as nações na ignorancia.

E assim que desde seu começo trabalhou pela causa da civilisação.

Applaudi essa Egreja que manteve os povos nas trevas da idade media.

⁂

A civilisação romana—filha legitima da grega, possuia a terra quando o Christianismo rebentou no mundo. Roma, herdeira das artes e sciencias da Grecia que conquistara, conseguira chegar ao cumulo de um desenvolvimento gigantesco.

Tudo o que a Hellade possuira de bello, de precioso, de grande, de sublime, havia-se-lhe aninhado no seio. Roma tinha sabios e artistas, livros e palacios. A philosophia, a eloquencia, a poesia, reinavam n'ella com os grandes nomes de Lucrecio, de Cicero, de Virgilio e de Horacio. Era uma pallida copia da Grecia, mas uma copia. E a copia era de um original fatalmente inimitavel.

O militarismo quando se apossou de Roma achara-a na luz esplendida da civilisação. Inimigo natural do progresso, soube, habil, não perseguil-a, mas corrompel-a. Elle—o imperialismo queria um povo d'escravos. Só uma civilisação corrupta admitte uma nação d'estas. A escravidão não se comprehende em meio de um povo regenerado pelas sciencias e pelas artes.

Foi esta civilisação corrupta que o Christianismo veio topar. Foi com ella que travou essa luta feroz em que o despotismo imperial arrojava os christãos ás feras. Mais tarde, vencedor no combate, encerrava no seio a chaga que o tinha de fazer morrer. O Christianismo nas perseguições apprendera as maximas do despotismo. Tambem, como elle, trataria de corromper a civilisação para fundar um edificio de imposturas. O Evangelho de seu protogonista ia passar a ser o codigo de tyrannia redigido pelos imperadores.

Os elementos da civilisação romana eram grandes, poderosos. Estribavam-se na sua soberba administração municipal, na sua legislação, na sua linguagem, na organisação severa da familia. Aquelle povo instruira-se nas grandes escolas das nações passadas. Cultivara as artes, a eloquencia e a poesia com a Grecia. Estudara a nautica e a tactica militar com os Cartaginezes. Apprendera a astronomia com os restos dos povos do Egypto e da Chaldêa. Traçara para si uma legislação completa combinando as noções do direito entre os outros povos esparsos. Fizera-se, emfim, grande, deixando-se invadir pelo que havia de bom nas nações que conquistara.

Roma tinha palacios e templos de uma architectura soberba. Possuia uma litteratura variada e riquissima. Conhecia a lei politica de dominação sobre os povos. Tinha na mão a chave de um porvir esplendido.

O Coliseo e o Capitolio erguiam para o céo as suas maravilhas artisticas. A dominação romana estendia-se por todo o mundo conhecido. O calculo do tempo, baseado em dados astronomicos, regulava os affazeres do cidadão romano. O direito, estabelecido em bases fixas, punha a propriedade e a vida do cidadão sob a guarda vigilante da lei.

A invasão da doutrina christã, lutando com o despotismo militar dos imperadores, achava n'este meio social de desenvolvimento germens que mais tarde poderiam dar grandes fructos. Achava-os, se mais tarde, não se deixando corromper, auxilia-se o movimento progressivo da sociedade romana.

Mas a corrupção veio ao Christianismo.

Constantino deu-lh'a com suas mãos tintas de sangue. E o Christianismo corrupto, longe de fazer fructificar a herança das glorias do passado, ia ser a fonte de um apostolado maldito—o da ignorancia.

A invasão moral de uma doutrina que o despotismo veio esterilizar, succede então a dos barbaros. A primeira prepara a segunda. O Catholicismo orthodoxo desorganiza Roma. A selvageria dos povos do norte mata-a.

Roma pagã, a Roma da civilisação, morre em meio das duas lutas—a moral e a physica, que a dilaceram.

Um passado de grandezas rola no pó dos seculos.

O sacerdote christão e o barbaro foram os assassinos de Roma.

Dizei os assassinos da civilisação.

⁂

Dois vultos ha responsaveis pelo estado estacionario da Europa na idade media. Um é o padre catholico. O outro—o barbaro que nos veio das regiões septentrionaes.

Quando a Reforma rebentou na Allemanha, uma cousa sobre tudo impressionara os povos. Era ver o nenhum avanço moral que se dera na Europa desde o V seculo. Todos attonitos olhavam para as ruinas da civilisação romana que desapparecera, e perguntavam—Porque não temos progredido?

E que o progresso fora nullo. A humanidade recuara em vez de avançar. Nada de grande se havia feito, e os povos viviam mergulhados na ignorancia.

Roma transformara-se completamente. Os Papas tinham na metamorphoseado n'um vasto montão de ruinas. Eis o quadro que Draper esboça d'estas ruinas.

«Os esplendores da cidade eterna tinham desapparecido. As ruas de marmore, de que se gabava Augusto, já não existiam. Os templos derribados, as columnas quebradas, as arcadas longas dos aqueductos gigantescos que atravessavam as campinas romanas assoladas, offereciam um espectaculo luctuoso. O Capitolio já não se chamava senão a collina das cabras, e o Forum, em que eram dictadas leis ao mundo, recebera o nome de campo das vaccas. O palacio das Cesares estava enterrado debaixo de montões de terra que alimentavam sarças em flor.

Os banhos de Caracalla, com seus porticos, seus jardins, seus reservatorios, estavam inutilisados pela destruição dos aqueductos. Sobre as ruinas d'este vasto edificio, nas arcadas, nas columnas, dependuravam-se em grinaldas as trepadeiras e as parasitas, que se tinham apoderado do local. Um terço só do Coliseo—a mais colossal das ruinas romanas, subsistia ainda. Bastante grande outr'hora para conter noventa mil espectadores, tinha sido successivamente convertido em fortaleza da idade media, e em pedreira, para a construcção dos palacios dos principes romanos degenerados. Os Papas alli tinham estabelecido, ora uma fabrica de tecidos de lã, ora outra de salitre. Haviam mesmo pensad-

Isto é uma grande verdade. Nós somos o marmore, ellas são o estatuario—podemos sahir, conforme o buril que nos talhar, uma estatua grega ou um simples boneco de presepe.

Podemos ser um herôe ou um bandido, um santo ou um canalha—depende tudo da capacidade moral e intellectual de nossas mães.

A mulher traça o esboço da vida de seu filho. Mais tarde a sociedade, os livros, os mestres, os costumes e as necessidades, não fazem mais do que encher esse esboço, sujeitando-se ás linhas que o contornam.

A educação primaria, a educação da meninice, governa toda nossa vida. Todas as paixões, que nos assaltam no decurso de nossa existencia, assim como todas as nossas virtudes e todos os nossos deveres, tiveram a séde na educação que recebemos nos braços de nossas mães. A religião, o trabalho, o amor, a obediencia, a dedicação ás lettras, ás artes e ás industrias, a fé, a dignidade, a altivez, a ambição, os sonhos de gloria, a vehemencia nos affectos, tudo isso emfim com que se formam os caracteres, bons ou maos, tudo isso que toma o nome de—temperamento, indole, caracter, talento, genio, tudo o que representa um sentimento, uma individualidade, um perfil, tudo isso vem de nossas mães—só dellas! Foi-nos inoculado no sangue pelo leite que bebemos, pelas palavras que ouvimos, pelos exemplos que absorvemos.

E a Maçonaria, pelo menos entre nós, nada tem com as mulheres. E' uma sociedade puramente de homens. E o homem, já pelo caracter externo de seus trabalhos, já pela rudeza natural de seu sexo, já pela preoccupação politica, scientifica ou litteraria, que o afasta do lar, não actua directamente sobre o filho, ás vezes até quasi não lhe conhece os instinctos, não sabe descobrir-lhe as vontades: falta-lhe o delicado segredo, a subtileza, que só possuem as mães, graças á sua sublime e resignada dedicação, de ler atraves do christal azul dos olhos de seus filhinhos, as mais pequeninas intenções e o mais escondido instincto.

A criança, por conseguinte, palpita, cresce, enforma-se nos braços da mulher—é della que recebe o primeiro beijo, como recebe o primeiro castigo, como recebe a primeira lição, lição que se filtra, como um raio de sol, na alma da criança, lição que predominará em todo o resto de sua vida.

O homem é muito mais filho da mulher do que do homem. Si a mulher é má—o filho hade ser máo. Si a mulher fôr um anjo—o filho será um herôe; seja o pae muito embora o ultimo dos entes.

Dize-me quem é tua mãe—te direi qual será teu destino!

A Maçonaria entretanto apresenta-se-nos quando já somos homens, quando já temos nosso caracter formado, nossa personalidade accentuada. Ella não nos póde tomar de assalto, porque já nos encontra de pé firme. Querer que ella disfaça em um instante, tudo que nossa mãe tão poderosamente injectou em nossa alma, é querer um absurdo.

Pois bem, assim como o homem é o reflexo desenvolvido de sua mãe, assim uma sociedade, um povo, uma geração é o transumpto espectaculoso do estado moral e intellectual em que se acham as mulheres dessa sociedade ou dessa geração.

Para prova disso queria v. rev. procurar saber o que foi a sociedade franceza de 1789 a 1793, quando as mães tinham a alma arejada pelas paginas de Rousseau. Observe igualmente v. rev. o que foi a mesma sociedade franceza na epocha do primeiro imperio e v. rev. verá nella a synthese dos dramas napoleonicos. Entre nós póde v. rev. comparar a sociedade mol-
le, lymphatica de hoje e
a nossa p
epochas
mull

cia da mulher, que o concebeu e educou, convem estudar a causa de nosso mal na fonte d'onde ella partio—a mulher.

E o que é a mulher maranhense!?

—A mulher maranhense é por excellencia a devota, a carola, a mulher cheia de suprestições, cheia de illusões. E' a mulher que só apara os cabellos pelo quarto crescente da lua, é a mulher que não consente os chinellos emborcados debaixo da rede, é a mulher que não corta as unhas á noute e tem máo agouro com o arrulhar das pombas, com o uivar dos cães, com a entrada inesperada de uma borboleta na varanda ou no quarto. E' a mulher nervosa, sem exercicio, sem movimento, com o utero estragado pela anquinha ou pelos saltos do sapato *Pompadour*, com o figado inutilisado pela pimenta de cheiro, com o cabello ardido pelo oleo de Babosa, com a cara ensardada pela alvaiade de chumbo e pelos vinagres aromaticos, com os dentes cariados pelo abuso do assucar, com o sangue aguado pela carne podre, que nos vem do açougue, com os nervos sobresaltados pelas muitas chicaras de chá verde, pelas insomnias, pelas valsas e pelas immoralidades do defunto Casemiro de Abreu. E a mulher feia, magra, anemica, cheia de frieiras, com o halito quente, as mãos humidas, o pescocinho se finando, as orelhas se despregando do craneo, a bocca contrahida por uma tristeza ideal e lyrica, os olhos mortos, a côr biliosa, a espinha arqueada, os hombros levantados e os pés chatos e vacillantes. E a mulher que teve uma paixão aos doze annos, que emmagreceu e minguou aos quinze, que desejou morrer aos deseseis e que envelheceu aos vinte. E' a mulher que tem medo de tudo, do quarto escuro, das mascaras, dos trovões, das descargas militares, das baratas, das osgas, é a mulher que á noute, perfeitamente fechada na alcôva, vae metter-se na rede da *mãi-preta* com médo d'*inglez*; mas que no entanto abre fóra d'horas a janella da sala, para ouvir o trovador de esquina, que, encostado ao lampeão, de ponta de cigarro no canto da bocca, a perna crusada, o olhar voluptuoso, affirma, dedejando o violão, que,

A não ser certas mazellas,
Desejava ser camisa
P'ra cobrir o corpo d'ellas.

A mulher maranhense, senhor conego Mourão, é a mulher que se casa aos quatorze annos e inutilisa-se para o resto de sua vida, é a mulher que acredita nos milagres da Virgem, nas coleras de Deus, na efficacia da confissão, na necessidade moral do jejum, é a mulher supinamente ignorante de seus deveres sociaes e de suas obrigações domesticas. E' a mulher que não sabe escolher uma toilete adquada á sua phisionomia, á sua idade e estado, á sua constituição e ao meio que se propõe frequentar, é a mulher que não sabe escolher a mobilia, como não sabe escolher o marido, que não sabe preparar pós para os dentes, areiar um tacho, desencardir um lenço e desenfectar uma cassarola. E' a mulher que não sabe andar, não sabe se assentar e não sabe estar em sociedade, mas que em compensação conhece de cór todas as rezas, todas as ladainhas, todas as jaculatorias, sabe queimar palhoça benta para apasiguar trovões, sabe remedios sobrenaturaes para tudo, sabe pendurar no poço um santo Antonio e amarrar no vestido um santo Onofre. A mulher maranhense é finalmente a antithese da mulher ingleza.

Veja-se esta como caminha—direita e certa. Seu corpo, enluvado na roupa inteiriça e elastica, bem mostra que é capaz de fazer quatro ou seis leguas, sem trouxar de pernas e sem ficar com en-
ens dentes brancos patenteam
halito e a regularidade do
faces côr de rosa dizem
sangue: seus olhos, de
ingenua, se fechariam
a das pilherias que
ciedade os nossos

dandys, e são não obstante capazes de affrontar, sem pestanejar, a impetuosidade do oceano, a colera terrivel das tempestades, o aspecto medonho e cru das rochas.

Uma *miss* tem mais coragem e talvez mais força do que um dos nossos rapazes mais fortes.

Olhe-se para as mãos e para os pés de uma ingleza—são fortes, nervosas, revelam a bôa compleição dos musculos, mostram que ellas se alimentam de bom *roast-beef*, que educaram o corpo no *cricket*, no *box* e que não passaram a mocidade de joelhos nas sachristias, a respirar incenso, a bater nas bochechas, a enervarem-se nas interminaveis orações, a cantar de veronica nas procissões da Quaresma e a ingerir amendoas de mendubim, que lhes dessem os conegos da Sé.

Não! porque são protestantes! Porque pertencem a essa raça altiva, pratica, de razão serena, de corpo direito, donde se tiram as melhores educadoras do mundo.

Ahi fica mal alinhavado, meu caro doutor, o que é em geral a mulher, não só maranhense, como brasileira; isto é, a que a reduzio barbaramente um bom par de annos de metaphisica, de catholicismo, de lyrismo piegas, de tranças e dentes postiços e de educação portuguezmente religiosa.

O quadro, que nós tivemos o infortunio de pintar com tanta franqueza, e que v. rvd. teve a bôa idéa de transcrever, para dar ao publico uma copia insuspeita de nossa sociedade, é um quadro realista, sem convenções, sem arte, porem cheio de verdade e de bôa fé, não se propõe deleitar os olhos, propõe-se magoar feridas.

Será um trabalho repugnante, mas é um trabalho necessario. E o que ali está, querido visionario, pintado com toda a amargura, que nos emborcou no coração e sociedade pódre em que germinamos, é uma consequencia do fanatismo, da ignorancia e da incapacidade de nossas instituições, creadas pelo espirito metaphisico de nossos avós, mas nunca será a consequencia da Maçonaria.

A Egreja, ou melhor o padre romano, é o unico culpado desse estado decadente—foi elle quem, desde a nossa antiga metropole, atrophiou o espirito da mulher, quem a habituou ao mysterio, ao mysticismo. Foi elle quem fel-a renunciar á consciencia de seus actos, para explical-os pela *fatalidade*.

A religião que os padres ensinam ás brasileiras e que estas depois transmittem no berço a seus filhos, é uma religião que nos leva ao fatalismo.

O fatalismo é a negação do raciocinio.

A mulher maranhense não sabe reagir, nunca aceita a responsabilidade do que faz—quando commette uma falta, desculpa-se do seguinte modo—*E' porque mesmo já tinha de suceder!*

Esta inconsciencia dos proprios actos dá logar a terriveis desmoronamentos sociaes.

Pois bem! essa inconsciencia é tudo o que o Catholicismo exige de nós!

Aquelle, que se institue unico arbitro de seus actos, caminha direito, porque sabe perfeitamente que elle é o unico responsavel pelo mal que fizer. Quem toma para seu unico juiz a propria consciencia muito mais difficilmente commetterá um crime, do que aquelle que toma Deus para juiz; porque Deus, segundo diz-nos a religião, perdôa qualquer falta, mediante algumas penitencias; e a consciencia, ah! padre!—essa nunca perdôa!

Em consequencia d'essa falta de confiança em si, a mulher maranhense quando tem um filho, não procura pôr em pratica o meio de fazer delle um homem de bem, não procura preparal-o para vir a ser um cidadão util, não! entrega-o á ignorancia dos professores e á convivencia dos escravos, e diz—*Ora! será o que Deus quizer! Será o que o Destino mandar!*

E no entanto esse tal destino não existe!—o Destino é aquillo que nós queremos que elle seja. Si uma criança receber na educação primaria os elementos vigorosos e salutares de um bom caracter, faça o Destino o que quizer—essa criança será infallivelmente um homem proveitoso e honrado.

Si não receber, mastigue a mãe muito embora todas as rezas do mundo, mas a criança virá a ser um vagabundo, inutil e pernicioso! Venha contra isso quem vier!

E afinal quem fez a nossa mulher abjurar de toda a responsabilidade de seus actos, para delegar a Deus ou a Egreja a formação dos destinos de seus filhos?!

Foi o jesuita! Esse que fez nossas Ordenações, que dictou nossa constituição, que criou o nosso escarneo de sciencia academica, esse que protegeu o contrabando de africanos, esse que apoderou-se de nossa mulher, justamente por saber que, segura a arvore, seguros estariam os fructos!

Quer V. Rvm. que nossa sociedade não cambaleie? quer que nossas mulheres produzam rapazes vigorosos, praticos, trabalhadores e uteis em vez de palpalhões e *dandys*, que só aspiram uma cartinha de doutor ou uma pipineira na dispensa commum do Estado?

Reforme então nosso systhema de governo, veja se consegue arrancar-nos por uma vez a metaphisica, separe a Egreja do Estado, raspe do costado da não governamental toda a salsugem lyrica que ahi ficou desde 1820, veja se consegue das camaras menos rethorica e mais idéas ou trabalho, proteja a industria nacional, que morre sob os impostos, abra nossos horisontes ás artes, admitta as mathematicas como base de toda e qualquer instrucção, derribe nossos innumeros conventos e egrejas para construir sobre as ruinas aulas nocturnas destinadas gratuitamente ao povo, mande asilar todos os nossos professores regios, que não souberem ler e escrever, suprima a palmatoria e o catechismo das escolas.

Feito isto v. rvm. faça presente de sua batina ao senhor Pureza, aprenda um officio e escreva por despedida um artigo na Civilisação, declarando que aquella historia que v. rvd. contou do diabo, que rebentou em uma sessão maçonica, porque o padre *Janner* erguera uma cruz—não era mais do que uma bôa caçoada, arranjada por alguns rapazes da Maçonaria, com o fim de se divertirem a custa do simplorio do padre.

E com esta:

Somos de v. rvd.
Homens sem nada a perder e almas corrompidas.

--

Succedeu que na «Gargalhada d'*O Pensador*» apparecessem certas pilherias inoffensivas com algumas pessôas conhecidas e respeitaveis de nossa sociedade.

Ninguem, a excepção do Illustrissimo Senhor Sampaio, massou-se com isso, apressamo-nos por conseguinte a dar a esse cavalheiro e ao publico desta capital a devida explicação:

«O chronista d'*O Pensador* declara, alto e bom som, que, o que avançou a respeito do senhor Sampaio, é falso—elle não se parece absolutamente nada com um sapo.»

Cremos ter cumprido o que nos manda o dever.

EXPEDIENTE.

Recebemos:

Do sympathico *Jockey Club* um delicado convite para tomarmos um copo de cerveja no seu opiparo bufete.

Agradecemos aos illustres gentlemen, enviando-lhes um cordial *shakehand*.

Revista de Medicina, de Pariz; *O Libertador* e *O Porvir*, do Ceará; *Diabrete*, do Rio Grande do Sul, e o *Relatorio da Empreza de Navegação Fluvial*—Moreira da Silva & C.ª

Agradecemos.

Maranhão.—Impresso na Typ. da Frias.

Mutilado

zer das suas magnificas arcadas lojas para mercadores. A ferragem que servia a ligar as paredes havia sido roubada, e os muros cheios de fendas desabavam todos os dias. . . No meio dos destroços dos monumentos classicos, dos capiteis das columnas, dos quadros apagados pela humidade das paredes, os cyprestes erguiam-se em multidão. O proprio mundo vegetal soffria uma transformação melancolica. A murta desapparecera do Aventino, e o louro, que fornecera corôas aos imperadores romanos havia dado logar á hera, a companheira da morte.»

«Dirão talvez que os Papas não eram responsaveis pelos acontecimentos. Recordarão que, em menos de cento e quarenta annos, Roma foi successivamente tomada por Alarico, Genserico, Richmer, Vitiges, Totila; que muitos de seus grandes edificios tinham sido convertidos em obras de defeza; que seus aqueductos tinham sido destruidos por Vitiges—o assolador do campo romano; que o palacio dos Cesares fora saqueado por Totila.

Depois, que tinham vindo os cercos pelos Lombardos, depois, que Roberto Guiscard com seus Normãos queimara a cidade desde a porta Flaminia até a columna Antonina, desde Latrão até ao Capitolio; que mais tarde ainda tinha sido saqueada e mutilada pelo condestavel de Bourbon; que cem vezes tinha sido coberta pelas inundações do Tibre, e sacudidas pelos tremores de terra: sem duvida! mas recordemo-nos do que diz Machiavel na sua Historia de Florença: E' que quasi todas as invasões dos barbaros foram devidas aos pontifices romanos os quaes, ora por uma, ora por outra razão, chamaram estas hordas em seu auxilio. Não foi nem o Godo, nem o Vandalo, nem o Normão, nem o Sarraceno, que delapidaram Roma, foi o Papa com seus sequazes. Foram elles que alimentaram fornos de cal com as ruinas dos monumentos classicos; elles que converteram esses monumentos em pedreiras para edificar palacios; elles que despojaram os templos antigos para ornar as egrejas.»

«As egrejas ornadas com o espolio dos templos! Eis de que se deve sobretudo tornar os Papas responsaveis. Esculpiram-se imagens de santos em soberbas columnas corinthias. Deshonrou-se por inscripções modernas os magnificos obeliscos egypcios. . .»

«O grande sino de Viterbo tinha annunciado do alto do Capitolio a morte de muitos papas, e a destruição dos monumentos, e a desmoralisação do povo continuavam sempre. Roma papal nenhum respeito tinha pela Roma antiga e só odio lhe votava. Os Papas haviam sido, ora os vassallos dos imperadores de Bysancio, ora os logar—tenentes dos reis francos, ora os arbitros do mundo. Sua situação e seu governo tinham mudado tanto como o governo e a situação das outras nações da Europa. Suas maximas politicas, seus intentos, suas pretenções, se tinham metamorphoseado; só havia um ponto que não soffrera mudança—a intolerancia. O governo romano dando-se por centro da vida religiosa na Europa, tinha sempre recusado invariavelmente reconhecer que podia existir uma religião fóra da sua jurisdicção, e contudo elle estava, politica e theologicamente, gangrenado até á medula. Erasmo e Luthero tinham ouvido com espanto, e visto com um calafrio de horror, as blasphemias e o atheismo da sociedade romana.»

Eis aqui como pinta Draper o estado de Roma quando a Reforma surgio. A herança da civilisação romana malbaratado pelos Papas havia ficado reduzida a nada nas mãos do Catholicismo. O Papado fizera de Roma uma ruina com que ameaçava as nações.

Foi assim que a Egreja civilisou os povos na idade media.

Matou a intelligencia de sua mãi—a Roma antiga, como matara Hypathia.

Tremei d'essa Egreja que mata tudo o que é grande.

O mais temivel dos Apostolados é o da [illegible]ia.

A ignorancia é a filha dilecta da Egreja.

⁂

Lançai agora comnosco os olhos sobre a Europa. Vêde a miseria a que chegaram todas as nações. Vêde os progressos de uma medicina que receita aos doentes Padres Nossos e Ave-Marias. Vêde milhões de homens que não sabem lêr. Vêde a peste assolando o mundo christão sem que se conheça um só meio de combatel-a. Olhai para as artes e industria que estão estacionarias. Vêde o commercio que só importa mercadorias do Oriente. Vêde a agricultura descurada ministrando ao homem tão pouco alimento que os casos de morte pela fome são frequentissimos. Olhai a corrupção como contamina todas as classes sociaes. Contemplai as festas dos doudos, do burro e dos innocentes, que se celebram nas Egrejas. Ouvi as linguas barbaras que todos os povos fallam. Vêde que latim aspero esse que é a lingua culta da Europa.

Pois bem, isso que vêdes, é o fructo do dominio do Papado. Essa ignorancia enorme, é a obra do Catholicismo. Foi a Egreja quem fez a noite na intelligencia humana. E essa noite sinistra teve um nome—a idade media.

E se no meio d'este cahos que precede a Reforma virdes algum clarão de luz não será a Egreja que o dê. Se a philosophia se apresenta na Europa continuando a grande obra de Alexandria, são os Arabes que a trazem. Se a architetura faz prodigios, são elles tambem que os fizeram vir do Oriente. Se a Astronomia começa a surgir, são elles que a inventam tambem. Se as mathematicas vêm regenerar a rasão—são elles que as introduzem na Christandade. E quando mais tarde Constantinopla cahe nas mãos de Mahometh II, são os gregos fugidos que vêm trazer a civilisação á Europa occidental. Em todos estes movimentos não vêdes um só passo dado pela Egreja a bem do desenvolvimento humano. Ella só servio para atrophiar a humanidade durante onze seculos.

A Reforma portanto como um acontecimento historico é a revolta da humanidade contra a lei infame que a mantivera na idade media. E o despontar da sciencia que o Christianismo latino suffocára em Roma e em Alexandria. A humanidade que a Egreja atrophiára, lançando-se nos braços da sciencia, preparara-se para uma grande viagem. A Reforma é o embarque dos povos para essa grande navegação—a civilisação moderna.

……

Em nossos dias o Catholicismo não mais pode suffocar a sciencia que ante elle se ergue. Odeia-a porem com um odio louco.

O homem do nosso seculo é o homem que quer instruir-se. Ante esta vontade a Egreja seria imprudente em dizer-lhe —Sê ignorante. E' por isso que apparentemente procura conciliar-se com a sciencia. Falso por astucia. A prova d'essa astucia—o Syllabus.

Cada escola que se abre n'um paiz catholico é um pedaço de Catholicismo que se esboroa. A creança, que lê, aprende nas paginas do livro a detestar o absurdo. Quem detesta o absurdo—mata-o. A morte do absurdo—é a morte da Egreja.

Vós que nos lêdes mandai vossos filhos á escola. Ensinai-lhes a ler para os ensinar a pensar. Dai á creança a grandeza do pensamento do homem.

O livro é o maior inimigo que o padre tem.

Matai-o com a avalanche da luz.

COLLABORAÇÃO

Mais uma affronta

Um facto recentemente acontecido veio atestar, ainda uma vez, a profunda aversão que nutre o clero contra o nosso pacifico povo.

O rev. padre Baptista, por occasião da procissão com que a igreja commemora o encontro do Nazareno, á caminho do Calvario, com a sua lacrimosa e compassiva Mãe, demonstrou-nos cabalmente que a ignorancia não é um apanagio exclusivo do exm. e rev. snr. d. Antonio Candido de Alvarenga, nosso actual bispo diocesano. A's primeiras palavras proferidas por esse sacerdote, do alto da tribuna sagrada e em presença da imagem d'Aquelle que sempre moldou suas acções pelas regras da candura e da humildade, comprehendemos que fôra bem recebida a lição do mestre, isto é, que sobre a face do povo [illegible] cuspida mais uma affronta.

Impossivel seria enganarmo-nos, nós, que conhecemos tão á fundo o caracter desses vis impostores que seguem á risca a longa escala d'infamias traçada ao clero desta provincia pelo rev. conego dr. João Tolentino Guedelha Mourão, miseravel saltimbanco que faz dançar, ao som das gargalhadas populares, esse manequim que traz sobre a fronte a mitra episcopal.

O rev. padre Baptista, lançando ao povo as injurias que lhe foram encommendadas pelo principal redactor do pasquim clerical, mereceu ser apedrejado como qualquer cão leproso que, agitado pela fome, atira-se ás gambias do infeliz que passa pelo monturo em que elle habita.

S. revdm. parece desconhecer totalmente qual a triste opinião que alimentamos em relação ao padre romano, o apostolo do mal, e, por conseguinte, comparou-se a Christo, nefando sacrilegio! soffrendo com evangelica resignação os infamantes insultos que, nas livides faces, cuspe-lhe a populaça instigada pelos livres pensadores! . . .

E' preciso, pois, que lhe digamos que Christo fundou uma religião, que sempre perduraria pelos seus salutares principios, se não fosse prostituida pelos adeptos do romanismo, que transformaram os templos em outros lupanares, onde perdem a honra centenares de mulheres que caem fanatisadas aos pés desses Lovelaces de batina.

O sacerdote romano é, alem de tudo, um emerito ladrão. Respeita-nos a bolsa, mas tenta empolgar-nos a consciencia, unica arma com que nos poderemos defender dos astuciosos ataques que dirige ás nossas crenças.

Para tão audaz salteador não ha em nosso codigo artigo algum que o condemne, temos porém a força da nossa razão, livre de todas as peias, para o repellir.

Recommendamos, pois, ao rev. padre Baptista, que não se revolte contra esse colosso chamado, soberanamente, o povo!

Elle o fará tombar na lama, escondendo-lhe a corôa, com uma certeira pedrada, sob uma pasta de sangue.

Receba o nosso conselho pelo preço que lh'o damos, se não quer succumbir sob o peso da odiosidade publica.

S. revdm. parece-nos ser bastante joven ainda: julgamol-o até uma creança pela imprudencia com que se portou no pulpito para com o povo que, na nossa humilde opinião, deveria ter-lhe puxado as orelhas, como fazemos ao moleque que na rua não nos guarda o devido respeito.

Acceite e procure seguir o que acima fica dito. Affaste-se tambem do Paço Episcopal, onde germina a ignorancia ao lado do crime; recuse as malevolas insinuações que, contra nós, lhe faz o rev. conego dr. João Tolentino Guedelha Mourão, se não almeja filiar-se a essa horda de bandidos que, covardemente, só nos assalta nas trevas.

Faça alto na perigosa estrada que principiou á trilhar, para que o povo não seja obrigado á trazel-o ao bom caminho.

Nós assim o esperamos.

N. Cerro.

14—3—81.

A moral e o jesuita.

Sexta-feira de Passos fomos a igreja do Carmo e lá ouvimos uma cousa que nos disserão ser um sermão.

O jesuita, que é sempre hypocrita em toda e qualquer parte, atacou, com cynismo de consul[illegible] o moderno movimento do seculo.

Atacou? não. Insultou. O jesuita só pode insultar, pois é elle um insulto vivo lançado no presente pelas iras do passado.

No mundo moderno, em face de todas as questões que ora se agitão, o desapparecimento d'aquillo que é inutil, prejudicial, é inevitavel. E' este um dos fins a que se propõe o progresso humano; ou por outra,—é este o resultado logico do desenvolvimento da humanidade.

Banir o que nos faz mal; afastar da estrada todos os obstaculos que se nos apresentão em frente; substituir o dogma pela razão, a theologia pela sciencia, o odio pelo amor, o escravo pelo cidadão; unir todos os povos em um só; aniquilar os preconceitos; illuminar os espiritos, ligar os corações, fraternisar as almas:—eis o grande problema de nossos dias.

Pertence ao homem moderno, somente á elle, resolver essa questão.

A solução desse problema, que foi escripta com o sangue do martyr do Calvario,—que seria maior senão o tivessem feito santo,—teve principio nos fins do seculo passado. E continua. . . . Eis o progresso.

D'ahi a luta tremenda que pretende sustentar o jesuita com a sociedade moderna. O colosso esmagal-o-ha e continuará na viagem.

Outr'ora, nesses tempos em que o padre era senhor absoluto das consciencias, a sua influencia sobre os homens era enormissima. Ninguem mais poderoso do que elle. Os proprios reis tinhão medo. Quando os reis temem, é que existe alguma cousa maior do que elles. E o padre o era. O clarão das—fogueiras—via-se de toda a parte. A—Inquisição—que é o facto o mais esplendido da igreja romana, era o terror do mundo. Nunca se vio cousa mais cruel. O apostolo de Christo transformara-se em vil assassino. As féras serião animaes humanos em presença desse homem canibal. O tigre mata por um instincto natural, mata para comer. O inquisidor matava para maior gloria de Deus. D'aqui o seu poder absoluto.

As cousas, porém, mudarão. Hoje o padre nada mais é do que um moribundo que segue viagem para o cemiterio.

Desprovido completamente das—*fogueiras*—elle lança mão do insulto, da calumnia, da infamia, da injuria, da mentira e da superstição.

O sermão que ouvimos foi um composto disso tudo e d'alguma cousa mais.

Fallou durante longo tempo. As vezes levava a voz a um ponto de sentimentalismo tão grande que parecia chorar; outras, nos momentos de colera, parecia-nos ouvir o sopro rouquenho d'uma gaita rachada.

Lastimou-se pelos desastres que tem soffrido a igreja. Maldisse áquelles que arrancaram o poder temporal do papa—beato sultão do serralho do Vaticano,—injuriou, e injuriou baixamente, áquelles que vão d'encontro aos principios religiosos, *desrespeitando* os bispos e os sacerdotes. Como se os charlatães se podessem zangar com os assobios do ridiculo. Lastimou finalmente, a falta de moralidade que ha na sociedade moderna. Ao chegar neste ponto as valvulas do seu espirito rasgarão-se e houve um diluvio de insultos. Foi pathetico.

Tú, jesuita, *herdeiro desgraçado das miserias* de Loyola, acaso podes fallar em moralidade?! O que entendes por moral?! Que é obedecer cegamente o que manda um padre?! Te enganas e é por isso que fallas. Nós detestamos a tua moral.

Tú, jesuita, mercador de consciencias, és o menos competente para fallar em moral. Tú, ao contemplares a imagem da Virgem, tivestes sensações nervosas, estremecimentos voluptuosos de carnes, porque te lembraste da amante. . . Quando te retiraste do pulpito o que fostes fazer? Lançar-te nos braços da meretriz, mergulhar-te no seio impuro da mulher mundana. Oh! divina moral dos padres de Roma. Oh! sublimidade catholica.

O que acabamos de dizer seria uma

Mutilado

cousa natural n'uma outra pessoa: mas para ti, tartufo, não o é, pois juraste castidade eterna. Sê coherente comtigo mesmo. Confirma o que dizes em teu sermão com os actos de tua vida. Ou bem padre, ou bem homem. A desmoralisação da tua religião está em não quereres ser somente padre...

Tu fallastes, affectando a santidade d'um martyr, contra os prazeres sensuaes; e no entanto teu coração palpita fortemente por uma mulher que é tua, mas que não o é licitamente, porque assim não consente o teu catholecismo. E' porisso que dizemos:—os confissionarios são esconderijos de devassos.

O catholecismo romano é mau, é perigoso, porque força os seus ministros a serem prejudiciaes á sociedade. Elles, obedecendo a uma lei toda natural,—Amão. Amar é desejar. Ter desejos é querer possuir. Mas para que essa posse seja legal é preciso que haja o casamento. O padre não póde casar-se. Assim ordena a igreja do papa. D'aqui a prostituição, o maior flagello que açoita a humanidade. Donde se conclue que o catholecismo seria bom, se não fosse completamente de encontro a naturêza humana.

Já vês, jesuita, que tu não podes fallar de moral. E's uma perfeita antithese d'ella. Dizes umas cousas e praticas outras

Tu, como pai espiritual, segundo te intitulas, devias dar o exemplo á teus filhos. Mas não é assim. Na igreja és um —santo—fóra della um—libertino.—

E fallas de sociedade corrupta ! ! Como não, se teus confessionarios e entrada franca em toda a parte ! !

Pais de familias, homens para quem a honra deve valer muito, afastai vossas filhas das igrejas, bani o jesuita de vossas casas.

O jesuita é um devasso disfarçado.

12—3—1881.

Garibaldi.

ECHOS DA RUA.

Quando morreo o inclito **PARANHOS**, essa gloria brasileira, a *Civilisação* cuspio-lhe na sepultura! e agora veste-se de luto pela morte do erudito **CANDIDO MENDES**, dizendo honrar-lhe a memoria!

—Mentira canalha. Se elle não tivesse deffendido o *magro osso* que de dia para dia vai vos escapando das negras fauces, teria a mesmo sorte do outro.

Miseraveis! tende ao menos a coragem de confessar os vossos torpes sentimentos.

—

O Vigario de *Pirocaua* pedio e obteve permissão para não jejuar n'esta quaresma!

—Sala! este maroto tem por força SOLITARIA.

—

Os negociantes José Moreira de Souza & C.ª receberam d'Allemanha *phosphoros a Frei Magriço*, cujo emblema é uma **GIRAFA**.

—Aqui está a vantagem de refutar *Pelletan*, fica-se conhecido até nas fabricas de palitos...

—

Se Frei Miranda, *o dengoso*, continuar nas seus *massudos* sermões a fallar na nossa imaginaria impiedade e medonhos peccados, nós tambem contaremos ao publico **AQUELLES PECCADINHOS FEIOS** que S. Revm. commettia no tempo de cadete...

—E depois quem não quer ser lobo, não lhe veste a pelle.

—

Frei Tabaco na Sé, poz a preguiça de lado e deu n'O PENSADOR.

—Deixa d'asneira Theodoro: vai comer figo de *Pipira*.

—

O perigoso *importado* não quiz ir pregar o encontro, apesar do convite que teve.

—Fizeste bem João... *prudencia* e caldo de gallinha nunca mataram tartufos.

—

O Revd. Frei Baptista—o turnes burnes—revelou-nos no seo sermão excellentes dotes de vacqueiro e no entretanto é padre!

—Ora vejam como se trucidam vocações... este padre com um bom *ferrão* NOS CAMPOS DAS POMBINHAS poupava-nos os aeougues, ao passo que no pulpito *desparata-se* de senso commum! São *cousas*.

—

João cuspo—o gadelhudo disse em um sermão que se podia jejuar com bebidas alcoolicas e nisso não havia peccado!

—Podéra... principalmente sendo com aquella PARATY.

—

O tratante *Gadelhudo* disse em sua *prégadella* de Domingo ultimo:—«*Arreda-te Satanaz: não tentarás o Senhor teu Deus.*»

—Oh burro! olha que o verbo concorda com o sujeito em numero e pessoa.

—

Disse mais *João Mouro grande*: «que não nos devemos entregar aos prazeres mundanos.»

—Deveras *moralista*... e as orphãs do Pará? Tartufo...

—

O actual bispo diocesano garantio á irmandade dos Passos que iria á prossição e caso não pudesse previniria com tempo. Pois não fez nem uma, nem outra cousa e passou quasi todo o dia no convento!

—E' bem feito, porque assim os poucos, que ainda julgam S. Revm. um grosseirão, ficam sabendo qu'elle é um cavalheiro de *finissimo trato*.

—

Para que será que a beata do *Coretinho* se amortalha trez vezes por mez, deitando-se, circulada de vellas?!

E' para ir direitinha ao Céo, segundo lhe disse Frei *Magriço*.

—Ella irá, mas o pausinho com certeza fica.

—

«Movimento dos templos»—Santo Antonio na sexta-feira ultima:

Beatas avariadas...........	11
Ditas da *pagdoura*........	18
Thesoureira *formiga*.......	1
Zeladora *Girafa*...........	1
Grande chefa pagé.........	1
Seu pausinho *tic tac*.......	1
Curiosos diversos..........	13

NB.—Seo *Parêa* foi e o seo rancho tambem.

Soror Pompadour.

EDITAL.

O abaixo assignado, secretario perpetuo do virtuosissimo D. *Gerebo*, a quem Deus conserve, em quanto vivo fôr, faz publico para conhecimento de todos, nacionaes e estrangeiros, que, durante os quarenta dias que passarem d'esde a dacta d'este, com excepção dos dias de folguedo do *Cirurão*, recebem-se propostas em cartas fechadas para se effectuar os seguintes serviços, sob as causulas abaixo mencionadas:

—

1.º Limpeza completa da bocca do Rvdm. padre Castro e collocação de uma dentadura postiça, que offereça bastante solidez.

—

2.º Emprego de qualquer remedio ou mezinha, que faça cessar a grande quantidade de saliva, que se deposita na bocca do Rvdm. padre Mourão, livrando assim de ser cuspida a humanidade, por tão estimavel sacerdote.

—

3.º Cortar o corpo do Rvdm. padre Fonseca em partes iguaes, formando assim dous preciosos sacerdotes, em vez de um que era possuimos.

—

4.º Tingir a cabelleira e o bigode do sympathico *Bristol* (*), afim de que remoce e possa ostentar com mais galhardia, seu *espirito fino e* abundantissimo.

—

5.º Substituição completa no moral de seu Purêza e no forro de seu inseparavel chapéu de manilha, por já estar bem crostoso.

—

6.º Aperfeiçoamento do semblante do padre Marinho, por ter uns quês de mal acabado.

—

7.º Desobstrucção da pança do *Pirocaua*: tudo orçado em 2:400$000

Clausulas.

1.º

Qulquer pessôa poderá arrematar algumas das indicadas obras ou todas por junto, não excedendo sua conclusão a mais de seis mezes, contados do dia da arrematação.

2.º

O pagamento effectuar-se-ha em tres prestações: uma no começo, outra no meio e outra no fim da obra.

3.º

O contratante é obrigado a desobstruir a pança do *Pirocaua* em logar bem longiquo.

E' imprescindivel o emprego do cal na citada obra.

Maranhão, 19 de Março de 1881

O secretario perpetuo,

Soraiva Bebbroégas.

CHRONICA.

Só agora cahio-nos nas mãos um livrinho precioso, sobre o qual temos por obrigação nossa dizer alguma cousa.

Referimo-nos ao trabalho da exc.ª senhora dona Margarida Victor—*Camões e as mulheres portuguezas — conferencia preliminar das festas do centenario, realisada na sala da sociedade de Geographia, na noite de 9 de Junho de 1880.*

Seria imperdoavel falta deixarmos passar em silencio uma obra tão salutarmente intencionada e tão grandemente significativa.

A distincta portugueza, impellida por seus principios vigorosamente positivos e pelo seu caracter pratico e utilitario, volta-se abertamente contra suas patricias, que, devoradas por velha ignorancia, carunchosas de lyrismo piegas e superstições religiosas, esquecem completamente seus deveres de educadoras, de mães de familia, de companheiras e solidarias do homem na grande obra da educação social e deixam, sem amor, sem fé, sem dignidade, que as gerações portuguezas succedam-se na depressão moral, phisica e intellectual das raças, alheias vergonhosamente as revoluções sociologicas, que se agitam no resto da Europa.

A corajosa oradôra affasta-se inteiramente da velha rotina hypocrita e optimista de cobrir de elogios immerecidos a terra onde nasceu, mostra com desassombro a attitude mesquinha e humilhante em que tem permanecido a mulher portugueza nestes ultimos tempos, e aponta-lhe depois o distincto papel que lhe compete na grande transformação actual, porque vão passando todas as sociedades estabelecidas.

Para animar suas patricias falla com enthusiasmo na—Associação de protecção e ensino do sexo feminino funchalense, fundada em 1875 por 30 senhoras—descreve os bons resultados que essa *instituição de ouro* tem colhido de seus louvaveis esforços e cita o que a esse respeito escreveu o illustre D. Antonio da Costa.

A patriotica cidadã termina sua conferencia aconselhando as senhoras portuguezas que, para resgate da divida em que se acham com Camões, que as cantou e immortalisou—criem, á semelhança de Funchal, uma associação de instrucção pratica feminina, com o titulo do seu glorioso poeta, e fecha o discurso com as seguintes palavras:

Meus Senhores.

Eu vou concluir, porque receio fatigar a vossa attenção. Tive que dar uma forma um pouco prolixa á ultima parte da minha conferencia, porque a julguei indispensavel. O que tem sobretudo prejudicado a mulher portugueza é, a meu ver, a forma vaga, methaphysica e nebulosa em que lhe teem cultivado o espirito, fomentando-lhe as tendencias já de si romanticas, tendencias para o vago, e separando-a da vida real com as suas luctas e as suas necessidades quotidianas.

Hoje felizmente uma roza forte e sadia de escriptores começa a protestar contra essa litteratura doente, e procura educar o espirito da mulher no sentido real e positivo do desenvolvimento das suas faculdades e do emprego da sua actividade especial.

A mulher que não sabe senão cantar umas arias ao piano, ou perfeita aquella que sabe educar os filhos, de maneira a dar-lhes a noção completa do bem, segundo as determinações de uma consciencia limpa e honrada.

Ha alguma cousa mais bella do que um ardente enthusiasmo por Octave Feuillet, e um sorriso de filha, intelligente, bom, tranquillisador; alguma cousa melhor do que alimentar uma paixão eterna, é ser uma esposa casta e affectuosa, ser a providencia do lar, a esposa na sua accepção honesta, a mãe na sua missão evangelica.

Quando nós, o nosso sexo, que é o mais fraco, podendo ser o mais forte pela evangelisação do amor nas suas manifestações completas, quando nós entendermos bem o sentido destas palavras, quando o grande espirito de Michelet, o nosso apostolo sublime, seja por nós todas comprehendido e interpretado, então, minhas senhoras, então, meus senhores, devemos orgulhar-nos por nos ter cantado Camões, e elle mesmo, na immortalidade em que vive, deve applaudir-se de ter escolhido para inspiradora do seu genio a mulher portugueza.

Duas senhoras levantaram-se para patear a oradôra!

Apostamos desde já que aqui D. Margarida Victor não seria pateada por senhoras—somente.

CARTA AO SR. DR. MOURÃO

Revd. Doutor,

Em razão do que disse v. rvm. na sua 13.ª carta aos maçons a respeito de nossa ultima e desenxabida chronica, vemo-nos constrangidos a vir mais uma vez abusar da preciosa attenção de v. rvm. e da mais que preciosa attenção do publico.

Com effeito, quando á mais nada, obrigam-nos suas conceituosas linhas a um eterno reconhecimento: já pelo modo generoso porque v. rvm., podendo aliáz arrazar-nos com toda a logica e com toda a subtileza de seus raciocinios, contentou-se bondosamente em não tocar, nem de leve, em nenhum dos nossos fracos argumentos; e já pela maneira escropulosa e finamente diplomatica por que v. rvm., vendo a inconveniencia de nossas affirmações, resolveu protectoramente confrangel-as e dar-lhes um caracter todo outro.

A' v. rvm. por conseguinte—nossos eternos agradecimentos!

•

Nunca dissemos que desejavamos a mulher sem religião, ao contrario, sempre adoptamos para nosso uzo particular aquelle velho proverbio, que diz na sua rudeza indiana.—A mulher que não pertence a Deus, pertence ao Diabo!

E justamente porque entendemos que a mulher maranhense precisa de uma religião, porque entendemos que não póde haver sociedade instituida sem haver a direcção espiritual dessa sociedade, porque entendemos que, uma vez estabelecido que o instincto religioso existe nos povos, como existem o instincto da conservação e o instincto da propriedade, e que do consenso unanime dêsses povos resulta fatalmente a criação de uma sociedade religiosa e as leis mais convenientes á sua direcção e conservação; por entendermos que a Egreja é, pelo menos

---

(*) Este Bristol tambem se chama Faria.

por ora, indispensavel—que ella, si por um lado tem os concilios, as bullas e as excommunhões; nós, os refractarios, dispomos das reformas, das seitas, das protestações, das heresias; e que deste choque, desta discussão constante, deste processo permanente, resulta a vida intellectual, o movimento scientifico e a comprehenção da verdade legitima; por comprehendermos tudo isto, diziamos—é que lamentamos o processo assombroso por que entre nós vae se convertendo o instincto da religião em um phanatismo reles pelo maravilhoso, pelo sobrenatural; o modo pelo qual se vae substituindo a idéa sã e consoladora de Deus por superstições de todo genero, por abusões de toda especie.

Queremos a mulher religiosa, de certo que a queremos ! porque todos nós precisamos de uma religião, mas queremol-a com dignidade, com amor, com fé; nunca consentiriamos que mulher ou filha nossa acreditasse estupidamente que o diabo disfarçou-se em maçon e foi estoirar na Maçonaria defronte do padre Jenner.

E grande parte das maranhenses, senhor conego, creem desastradamente nessa grande patacuada, creem, porque v. rvm. o disse malignamente e o repete todos os dias do alto da sua influencia ecclesiastica.

Queremos a religião, mas queremol-a pura, de boa fé, de boa intenção, e não desvirtuada, abandalhada por desplantes daquelle quilate.

Porque razão a ingleza, como disse v. rvm. é eminentemente religiosa ?!

E' porque ella o é expontaneamente, porque ella entre muitas, escolhe a religião que mais a satisfaz, que mais a conforta.

Dessa fórma comprehende-se facilmente que qualquer pessoa possa com interesse e convicção dedicar-se ao cumprimento de seus deveres religiosos; mas não succede o mesmo com nósco, porque o governo nos impõe com a faca nos peitos a religião que elle, na sua alta sabedoria, entendeu ser a melhor.

Ha inglezas catholicas, sabemos que as ha, e bôas catholicas ! que as ha como nós desejavamos fossem nossas patricias; porém desde já apostamos a cabeça em como, si v. rvm. fosse contar a uma dellas que o celebre Satanaz assistio uma sessão maçonica disfarçado commodamente em rapaz, v. rvm. teria o desgosto de receber uma risada nas suas respeitaveis bochechas.

Ao passo que muitas das nossas pobres maranhenses, quando v. rvm. contou essa ridicula patranha, passaram a noute a rezar n'um alvoroço atterrado e suppuseram ver a todo o instante surgir-lhes um capeta do guarda-roupa ou de debaixo do travesseiro. De uma, sabemos nós que, com medo do bicho, metteu-se debaixo da cama, abraçada ao santo de sua devoção.

E' contra esses abusos, é contra a invasão dessas superstições no espirito de nossa mulher, que todo o homem de bem deve oppor-se energicamente.

*

Quanto ao triste facto de achar-nos v. rvm. immoraes e indecentes e jurar não reproduzir o que avançamos para não offender o pudor de nossa sociedade, permitta-nos acreditar que v. rvm. faz uma falsa idéa do que é isto de moralidade.

A moralidade, senhor padre, não é o cuidado de cada um esconder ás publicas orelhas uma palavra mais ou menos aspera—a verdadeira moralidade é, ao contrario, expor a sociedade em trajes menores e depois agarrar uma penna ou um lapis e apontar com elle ao publico ingenuo o lugar leproso, que a sociedade velhacamente procurava esconder debaixo de ricas sedas e alvissimos arminhos.

E si pensa v. rvm. que ha nisto algum divertimento para nós, está muito enganado— nós não temos prazer algum em andar a expor miserias; si o fazemos é porque a consciencia, unico juiz de nossos actos, assim nos impõe por uma lei irrevogavel.

Acontece com nósco a respeito dessas miserias, o mesmo que a respeito dos buracos de nossas meias acontece com a nossa costureira—ella, apezar de não os querer encontrar, procura-os com todo o cuidado, e logo que descobre um buraco, em vez de fingir que não o vê, por menor que elle seja, aproxima-o dos oculos, esgarça-o com os dedos e acaba por tomal-o a pontos de agulha.

V. rvm., como escriptor publico, como homem que se constituio educador e guia espiritual de nosso póvo—está para nós no caso das meias. O chronista não tem outro remedio sinão tomar delicadamente v. rvm. entre os dedos e observal-o por todos os lados, procurando com o maior cuidado descobrir si v. rvm. tem em si algum *dia-santo*. Si o tiver, resigne-se v. rvm. mas vemo-nos constrangidos a applicar-lhe um cerzido.

Nós, ou melhor—eu, pois que é preciso definir bem os papeis, nunca publiquei cousa alguma sem a mais pura intenção de prestar um bom serviço a meus semelhantes. Si nem sempre os resultados corresponderam a boa vontade, a culpa não é minha. Nunca escrevi a respeito de pessoa alguma aquillo que não podesse repetir depois defronte d'ella, por isso nunca redigi pasquins, nunca embrulhei-me no anonymo para patentear miserias como as que, na ultima chronica, magoaram a pudicicia de v. rvm. Si não tivesse plena certeza de que v. rvm. sabe perfeitamente quem lhe dirige estas palavras, apressar-me-ia a estampar meu nome obscuro nesta columna.

Quem falla com tanta franqueza poderá ser um tôlo, poderá ser tudo, menos um homem immoral; e muito menos poderá ser um advogado de contracto, um campeão de aluguel, pago e sustentado por qualquer seita ou por qualquer sociedade para defendel-a publicamente.

Não ! illustre doutor; quem tão lealmente anda-lhe á pisto dos *dias-santos*, não se propõe defender certa e determinada cousa, o que quer é, graças ao acaso, que lhe atirou entre os dedos uma penna commum, de pau—defender suas idéas e suas convicções.

Agora v. rvm. sim !—está no caso justamente contrario ao meu,—v. rvm. não pode fugir a obrigação restricta de defender com ambas as mãos e até com ambos os pés, a seita a que pertence, ainda que lhe descubra algumas falhas— v. rvm. é um soldado disciplinado e tem por dever de seu cargo queimar contra nós seus cartuchos, logo que o general assim o ordene.

*

Mesmo assim, afigura-se-nos que no desempenho desses deveres, nem sempre caminha regularmente v. rev.

—Um padre, senhor conego, tem direitos e tem obrigações.

Tem todo o direito de trabalhar no seu meio para a propaganda e progressos da sociedade religiosa de que faz parte, nunca transpondo, já se sabe, o circulo espiritual, que seu destino traçou, para metter um pé esperto nos arraiaes seculares, porque nessa occasião o padre arrisca a perder o pé.

Ora, nós respeitamos a força collectiva da Egreja, respeitamos o esforço pessoal de cada padre, mas exigimos que elles, por sua vez, respeitem tambem nossos direitos e nossa individualidade.

V. rev. creou um jornal e creou um appendice á esse jornal. Perguntamos— qual tem sido o assumpto constante dessas folhas ?!

A resposta que nos accode é esta—A luta, a briga constante, na politica, no civil, na maçonaria. Qual foi a propaganda que já fez v. rev. ?! Qual foi a consolação que v. rev. já espalhou ?! Nada ! nada ! apenas arranjou algumas demissões e promoveu algumas inimisades.

No entanto, senhor conego, v. rev., como pastor, (que de facto o é,) como sacerdote, como homem do espirito, como soldado da fé, tem restricta obrigação de dar-se ao divertimento de pescar corações e converter almas.

Tem por ventura v. rev. cumprido com esse dever ?

Aqui é que bate o ponto.

—Vejamos:

Quaes são as almas mais corruptas e estragadas desta terra, onde v. rev. tão piedosamente quer regar com a sua sabedoria theologica as crenças que vão murchando.

—Somos nós, incontestavelmente nós, como v. rev. mesmo prova exuberantemente ao publico uma vez por semana.

Pois bom ! e como procede v. rev. com nosco ?!—as unicas almas estragadas desta terra ?!

Procede tapando escrupulosamente o nariz, abrindo n'um carreirão e gritando por detraz do primeiro páo, que v. rev. suppõe fóra do nosso alcance—Covardes ! ignorantes ! lacaios do livre pensamento ! almas estragadas ! monstros devassos ! caixões de todos os vicios !

Todavia pelo simples facto de sermos tanta cousa má, v. rev. não devia fugir de nós, v. rev. não devia esperar, como declara na 15.ª carta, que nós sahissemos do lodaçal em que estamos, para vir se entender comnosco.

Ao contrario, por isso mesmo que somos perdidos e maos, por isso mesmo que estamos no lodaçal, é que v. rev. tem obrigação, como sacerdote, de nos preferir a outros quaesquer.

Ah ! v. rev. só quer gente prompta e limpinha ?!—Bôas ! Esses é que não precisam de v. rev. para cousa alguma !

V. rev. deve justamente procurar os logares onde ha chagas a laquear, almas a purgar, corações a converter, ou então pedir a sua demissão de sacerdote.

Si v. rev. abandonar-nos aos nossos instinctos de fera, quem se encarregará nesse caso de livrar a sociedade de nós —os terriveis ?!...

A Aristocracia, a Camara Municipal ou a Junta de hygiene publica ?!

Fallemos serio, senhor conego, porque este é um dos seus *dias-santos*, que é preciso cerzir. V. rvm. hade confessar que a v. rvm. repugnam todas as grandes calamidades, a v. rvm. espantam todas as pequenas feridas, a v. rvm. amedronta toda desgraça ! todo infortunio!

Entretanto v. rvm. não devia ser assim !

Pelo menos não era assim o missionario Francisco Xavier quando, embrulhado na sua sotaina esfarrapada, atravessava com o breviario debaixo do braço, as ruas immundas de Góa, tocando freneticamente uma campainha para attrahir o povo, e pedindo por amor de Deus, que lhe mandassem os perdidos, os leprosos, os miseraveis de toda a especie, e percorrendo elle mesmo os hospitaes, as enxovias e até penetrando, com toda a sublime resignação de sua fé, nos antros mais corruptos da prostituição !

Não eram assim de certo os bons Schwartz, Carey, Marshman, quando iam plantar na India seus pacificos estandartes de fé e humildade ! Não eram assim Gutzlaff, Morison e muitos outros que na China apalpavam sem escrupulo todas as escalas da miseria e da degradação, como se percorressem o doce teclado de um orgão, para entoar hymnos a Deus.

Para esses intrepidos soldados da fé não havia chaga, por mais repulsiva, que não os attrahisse; não havia alma, por mais corrupta, que não lhes merecesse desvellos e amor.

Não era como v. rev. o missionario doutor Livingstone, que fez-se medico para na Africa saber curar os corpos, como já sabia curar as almas. Tambem não era assim o celebre João Williams— o martyr do Erromanga.

Não era assim Vicente de Paula, quando, em paga do captiveiro que lhe deram em Argel, reduzio seu senhor a fé catholica e carregou com elle para França. Não foi desprezando os máos e corrompidos, que esse anjo em Marselha abandonou a honrosa companhia do conde de Joginy e de outras pessoas gradas, para ir conviver de cama e meza com os galés, até convertel-os, um por um, a bôa dignidade e a sã moral.

Não obstante v. rev., ainda ha poucos dias, por termos soccorrido um pobre diabo, que vinha enchotado dos quartos de v. rev. com a pecha improvada de ladrão, teve e amabilidade de dizer-nos a esse respeito—*Dize-me com quem andas, dir-te-hei as manhas que tens!*

Partindo desse principio, v. rev. deve por coherencia confessar que S. Vicente de Paula, que para nós foi um grande heroe, para v. rev. não passa de um simples bandido.

Não odiar é o segredo, é a missão, é a obrigação de todo o sacerdote digno desse nome.

Saint-Pierre, um dos mais perfeitos corações, que a virtude criou, um dos maiores benemeritos da humanidade, foi pago de todos os sacrificios, que fez pelos seus semelhantes, foi recompensado dos innumeros trabalhos, que arrostou durante uma vida longa de fadigas e abnegações, com estas singelas palavras, que escreveram-lhe sobre o tumulo— *Amou muito*.

*

E, já que v. rvm. fallou-nos extravagantemente em dissertação romantica, e por nos parecer que v. rvm. gosta desse genero, queira desviar por um instante os olhos deste lodaçal e voltal-os para aquelle valle mysterioso e sombrio, que alem se embebe na verdura da serra como n'um conchego tepido. O céu, de um azul profundo, debruça-se sobre a paysagem para envolvel-a n'um braço longo, cheio de delicias. Mais alem, por entre mulheres do povo, não vê caminhar vagarosamente um vulto melancolico, que parece enlevado nas penumgens de um sonho casto ?...

—É um meigo rabbi, pallido e doce como as canções normandas. Seus cabellos louros cahem-lhe á nazarena sobre a brancura do pescoço; seus grandes olhos, de uma transparencia ingenua, levam-nos insensivelmente a scismar em cousas mansas e consoladoras; seu *coffie*, amarrado ao comprimo do corpo por uma tira de couro cru, agita-se-lhe brandamente ao soprar morno da sesta.

Jerusalem parece recolhida na sua dura tristeza para vel-o seguir caminho das synagogas; as mulheres tomam-no carinhosamente pela mão e contam-lhe seus segredos; as crianças seguem-no alegremente e cercam-no quando elle para nos alpendres ou senta-se á porta dos pobres; os asperos montanhezes, tostados de sol, comidos da fadiga, encostam a barba grosseira nos cajados e permanecem a ouvir commentar os papyros da velha lei.

Entanto o povo se agita, burburia, murmura.

E' uma mulher perdida, uma miseravel, que quer passar á força, quer fallar a Christo.

Ella vem de longe— traz os vestidos rasgados, os pés em feridas, o cabello cheio do pó das estradas. Vinha enchotada dos lares, repellida das praças, amaldiçoada de todos, perseguida dos cães. Tinha fome, tinha sede, tinha febre, porque ninguem a queria mais.

—Que a deixassem ver o homem-Deus, que a deixassem vêr o Christo !

O povo indigna-se, repelle-a; ella insiste, arremeça-se, com o desespero de uma grande desgraça.

Mas o grande evangelisador, que a vio, toda rota e descomposta, lutando com a multidão, chama-a a si com um sorriso. Magdalena então hesita, duvida, não acredita em tanta caridade e quer fugir, porem o nazareno vai ao seu encontro, tatea-lhe ternamente a loura cabeça, ella abre a chorar, elle lê o arrependimento no fundo de seus olhos,—abre-lhe os braços, recebe-a em cheio nos peitos e aponta-lhe o céu !

*

E, antes que v. rvdm. tenha tempo de voltar a si da commoção em que o deixamos com esta tirada romantica,

Somos de v. rvdm.

Eternos apreciadores e ovelhas rebeldes.

Maranhão.—Impresso na Typ. do Frias.